

Rosalvo Pinto²
rosalvop@uai.com.br

Temporalidade discursiva e coesão temporal à luz do interacionismo sociodiscursivo¹

RESUMO – Este artigo estuda o mecanismo de textualização da *coesão temporal*, a partir da perspectiva mais ampla da *construção da temporalidade* nos discursos humanos. O quadro teórico-epistemológico adotado para a observação das ações humanas em geral e, mais especificamente, das atividades de linguagem que se semiotizam nos textos empíricos é o do *interacionismo sociodiscursivo*. Este estudo propõe que a temporalidade se constrói nos discursos humanos através da integração de três módulos (ou parâmetros) básicos, buscados nas teorias que os fundamentam: as *instâncias enunciativas*, nas quais e pelas quais se define a coordenada temporal dos enunciados; a configuração mental de *espaços referenciais*, na qual se organizam, se articulam e se conectam em redes os espaços referenciais do conteúdo temático e de suas relações temporais e os *arquitipos discursivos* básicos dos discursos humanos socialmente constituídos e identificados, para cuja configuração a organização temporal desempenha um papel constitutivo decisivo.

Palavras-chave: interacionismo sociodiscursivo, temporalidade discursiva, coesão temporal, instâncias enunciativas, espaços referenciais, arquitipos discursivos.

ABSTRACT – This article studies the textualization mechanism of *temporal cohesion* from the comprehensive view of the human discourses *temporality construction*. The *socio-discursive interactionism* was the theoretical epistemological framework used to observe the human actions in general and, more specifically, the languages activities that are “semiotised” in the empiric texts. This study proposes that the temporality is discursively produced from the integration between three fundamental parameters from the adopted theoretical framework: the *enunciative instances*, in which and from which the temporal coordinate of statements is defined; the mental configuration of *referential spaces*, in which both the thematic content spaces of references and their temporal relationships are organized, related and joined together in networks; and the basic *discursive archetypes* of social constructed and identified discourses to which configuration the temporal organization has a decisive constituted role.

Key words: socio-discursive interactionism, discursive temporality, temporal cohesion, enunciative instances, mental spaces, discursive archetypes.

Introdução

Este artigo pretende mostrar como as *relações de temporalidade* se manifestam nos discursos humanos, estabelecendo um tipo especial de coesão textual chamado de *coesão temporal*. Pretende, ao mesmo tempo, mostrar como a construção dessas relações pode ser vista a partir de uma perspectiva teórica calcada numa concepção sociointeracionista das atividades de linguagem.

Dividirei o artigo em quatro partes. Na primeira, mostro resumidamente a gênese e a constituição do ideário do interacionismo sociodiscursivo. Na segunda apresento uma proposta de descrição de como é construída a temporalidade nos discursos. Na terceira trato das formas lingüísticas de expressão da temporalidade no português. Na última faço uma demonstração de como se constitui essa temporalidade, a partir da análise resumida de um segmento discursivo.

¹ O conteúdo deste artigo constitui um resumo da tese de doutorado: “A Coesão Temporal na Construção da Temporalidade Discursiva”, apresentada pelo autor ao Programa de Pós-graduação / PosLin, da Faculdade de Letras da UFMG.

² Rosalvo Pinto é professor voluntário/colaborador na FALE/UFMG.

O interacionismo sociodiscursivo

O interacionismo social não constitui, de per si, uma teoria ou um conjunto sistematizado de teorias. Poderia ser visto, antes, como um estado de espírito, uma concepção de vida, decorrentes de determinada mundividência e de determinada hominividência: uma postura epistemológica em relação ao mundo, ao homem, à sociedade e à ciência em geral. Essa postura, aplicada à visão da linguagem humana, em particular, constitui o que se convencionou chamar de “interacionismo sociodiscursivo” (ISD).

Na elaboração dessa postura, o ISD vem se apropriando de determinadas correntes de pensamento que, ao longo dos séculos, se dedicaram a buscar explicações para fenômenos desde muito intrigantes à curiosidade do ser humano pensante. No processo de apropriação dessas correntes, por outro lado, o ISD vem ao mesmo tempo descartando outras que, por razões histórico-religiosas, se constituíram em correntes predominantes na trajetória do desenvolvimento do pensamento humano no mundo ocidental.

Cinco questionamentos podem resumir as marcas desse entrechoque de idéias. De uma perspectiva mais ampla, questiona-se em primeiro lugar a predominância, no cenário ocidental, de um ideário filosófico calcado exclusivamente na filosofia aristotélico-tomista, assumida sobretudo pela civilização cristã ocidental. Dois outros questionamentos são oriundos do primeiro: a revisão de uma visão antropológica radicalmente dualista, que leva naturalmente a uma revisão das abordagens representacionista e mentalista das atividades pensantes do ser humano, entre elas, a linguagem em particular. Uma quarta posição é marcada pela adesão a duas perspectivas que, de certa maneira, revolucionaram a mundi/hominividência nos últimos séculos: a evolucionista e a dialético-historicista. Uma quinta posição, naturalmente decorrente das anteriores e da própria evolução das sociedades humanas, é marcada pelo papel fundamental atribuído ao componente social no desenvolvimento do ser humano, de sua consciência, de seu conhecimento e da organização de suas atividades. Entre essas atividades evidencia-se, óbvia e naturalmente, a atividade languageira.

Como conseqüência dessas posições, o ISD se contrapõe, historicamente, a três tendências, de ordem mais pragmática, que vão predominar, a partir do final do século XIX, em quase todo o século XX: o behaviorismo, o cognitivismo e o construtivismo, sendo a emergência desse último resultante do embate

entre os dois primeiros. Tais paradigmas, ora se entrechocando, ora se complementando, procuram definir os processos de construção e de desenvolvimento do ser humano, seus comportamentos e suas atividades de pensamento e de linguagem.

Bronckart (2003) resume o ideário do ISD em quatro teses lapidares: (a) a consciência e as funções psicológicas superiores do ser humano (em especial pensamento e linguagem) resultam do processo de *apropriação* e de *interiorização* de propriedades e valores da sociedade na qual ele está inserido; (b) esse processo se realiza no quadro das ações humanas, através das produções semióticas, sobretudo as verbais; em decorrência dessas duas teses, a consciência humana é vista como uma estrutura histórico-social, acional e semiótica; (c) as unidades de análise da psicologia são, em conseqüência, as ações e os textos e (d) as relações entre as ações e os textos são vistas como relações de *mediação*: os textos são os instrumentos mediadores das ações humanas.

Considerar a temporalidade dos discursos e o mecanismo de textualização da coesão temporal à luz do ISD implica a aceitação de duas premissas. A primeira postula a compreensão da temporalidade como componente fundamental das ações e atividades humanas. O contexto dessas ações humanas é definido pela interação verbal, através da qual se constroem os mundos representados e a temporalidade é elemento essencial dessa construção, por ser componente integrante das coordenadas abstratas desses mundos. A segunda premissa estabelece que a expressão dessa temporalidade nos discursos humanos é de alguma maneira restringida por injunções da sociedade sobre a atividade discursiva do indivíduo. Essa idéia já remonta, de certa maneira, a Bakhtin (1999, 2000), quando ele estabelecia a diferença entre os textos *primeiros* (ou livres), que estabelecem uma relação *imediate* com as situações nas quais são produzidos, e os textos *segundos* (padronizados), que manteriam uma relação *mediática* com sua situação de produção. Os *primeiros* seriam imediatamente relacionados à ação, ao passo que os *segundos* (discursos públicos, de circulação mais ampla, nas esferas da política, da ciência, da cultura, da religião, etc.) seriam objeto de uma estrutura própria, convencional, socialmente definidos e aceitos. A temporalidade é componente básico de ambos conjuntos de textos, os primeiros e os segundos, mas o processo de sua construção tem maior visibilidade nos últimos. Um dos objetivos do meu trabalho consiste exatamente em mostrar essa diferença, tomando a temporalidade como

imane a qualquer ação enunciativa, mas, ao mesmo tempo, submetida a um processo de construção diferenciado segundo tipos discursivos prototípicos.

O processo de construção da temporalidade nos discursos

A percepção da temporalidade do mundo objetivo e de sua estreita conexão com as ações humanas remonta certamente às mais antigas elucubrações filosóficas e físicas. De Aristóteles a Einstein, passando por Santo Agostinho, muitos estudiosos se ocuparam com esse fenômeno, abordando-o dos pontos-de-vista físico, psicológico e até mesmo religioso.

Entretanto, interesse-me aqui pela análise da temporalidade de seu ponto-de-vista lingüístico, ou seja, do processo de sua expressão através de formas específicas. Entre muitas, ressalto aqui duas contribuições especiais para a compreensão desse processo de expressão. A de Reichenbach (1947), por ter sido um dos primeiros a intuir a necessidade de se considerar um momento psicológico de referência na expressão discursiva do tempo, além dos momentos da fala e da realização do processo (ou evento). Outra contribuição importante a ser considerada é a de Benveniste (1966, 1974), no conjunto de sua teoria sobre a enunciação, contribuição essa apropriada por este trabalho. Em primeiro lugar, a percepção de Benveniste de que toda e qualquer instância enunciativa se instaura, ao colocar o enunciador diante de seu enunciatário, através da mobilização de um referente, situado num *tempo* e num espaço. Para caracterizar esse *tempo*, Benveniste explicita a diferença a ser necessariamente feita entre três tipos de tempo: o físico (e seu correlato psicológico), o cronológico e o lingüístico. O primeiro é o tempo do mundo, um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável, ao qual corresponde a percepção de um tempo de duração interior nos indivíduos, o psicológico. O segundo é o tempo no qual estão situados os eventos, as ações e os processos. A marcação desse tempo é geralmente feita com base em fenômenos da natureza e em outros pontos de referência determinados por diferentes culturas (como, por exemplo, o nascimento de Cristo, para o cristianismo, ou a hégira, de Maomé, para o islamismo). O terceiro, o *lingüístico*, corresponde à possibilidade de expressão, através da linguagem,

da experiência humana do tempo, definido e ordenado em função do discurso. Meu estudo diz respeito exatamente à definição e à ordenação discursiva desse tempo.

Este trabalho toma a temporalidade, portanto, em sua acepção de expressão do tempo através de um processo de semiotização lingüística. Para tanto, considero que tal processo se realiza na confluência operacional de três módulos, ou parâmetros, o lingüístico, o cognitivo e o social. Acredito ainda que essa confluência se opera numa perspectiva sociointeracionista, na medida em que a integração operacional entre esses três módulos: (a) resulta da apropriação e interiorização de estímulos, valores, crenças, informações, etc. da sociedade na qual enunciator/enunciatário estão inseridos e (b) está na base do processamento de toda ação discursiva humana, que se configura num processo de produção semiótica de natureza verbal. Os textos, resultado da integração de operações lingüísticas, cognitivas e sociais³, são os instrumentos mediadores das ações humanas por excelência.

Toda atividade enunciativa compreende três operações distintas, simultâneas e interconectadas, que envolvem três domínios: o lingüístico, o cognitivo e o social. Não há predominância ou precedência de uma dessas operações sobre as outras. O resultado dessas operações é a manifestação concreta de uma atividade linguageira. Complexas operações cognitivas, para cuja configuração o componente social tem um papel crucial, se organizam e se semiotizam através de formas lingüísticas sonoras. Partindo-se do princípio, com Benveniste (1966, 1974), de que todo ato enunciativo (todo texto, portanto) inclui necessariamente um *tempo* (juntamente com um *referente* e com um *espaço*), conclui-se que o tempo é um componente discursivo trabalhado ao mesmo tempo lingüística, cognitiva e socialmente.

Se toda atividade enunciativa é operada pela interconexão dos três módulos acima referidos e inclui necessariamente a categoria *tempo*, cada um desses módulos tem uma função específica no processo de construção da temporalidade. O lingüístico provê as formas lingüísticas apropriadas (segundo cada língua natural) para a expressão e semiotização das relações temporais, e as organiza morfossintaticamente nos textos. O cognitivo, atuando na configuração básica do pensamento humano, trabalha o encadea-

³ Essa integração é contemplada por Beaugrande (1997), ao considerar o texto como “um evento comunicativo para o qual conv ergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais”.

mento em rede de espaços referenciais⁴, entre os quais se constituem também espaços que dizem respeito à organização temporal desse pensamento (*espaços temporais*). O módulo social prevê que a expressão da temporalidade nos discursos (e sua manifestação lingüística) pode estar condicionada a determinados padrões típicos, em função de tipos de discursos reconhecidos e utilizados socialmente nos grupos humanos.

A análise das teorias que deram suporte a essa proposta mostra que seus idealizadores ou mentores, ao advogarem para as mesmas um estatuto de universalidade, situando-as na base de toda língua natural, consideram seus construtos como verdadeiros primitivos lingüísticos.

Formas lingüísticas de expressão da temporalidade no português

Cada língua natural tem seu repertório próprio de formas lingüísticas com a função especial de semiotizar as relações temporais que o enunciador pretende estabelecer em seu enunciado/texto. Em muitas línguas, como no caso do português, há uma classe específica de formas que assumem preponderantemente essa função, as *formas verbais*. Essas formas, além de referenciar as noções de processos estáveis e dinâmicos (referenciação operada pelos *lexemas verbais*), articulam-se com afixos especiais cuja função é situar esses processos no tempo discursivo. Esse conjunto de afixos costuma constituir-se num quadro fechado, pelo menos quando tomado sincronicamente. Outras formas, de variado perfil morfossintático, se prestam igualmente à mesma função, constituindo-se num quadro aberto. São os chamados *marcadores* ou *organizadores temporais*.⁵ Entretanto, a expressão da temporalidade pode por vezes não ser marcada lingüisticamente, mas apenas contextualmente.

O quadro das formas *tempos verbais* em uso no português do Brasil não corresponde exatamente ao quadro completo descrito nas gramáticas tradicio-

nais. Talvez de 30 a 40% dessas formas não sejam mais usadas ou sejam muito pouco usadas na fala e na escrita comum do país. Já as mais variadas formas *não-tempos verbais* ocorrem com muita frequência, tanto na fala quanto na escrita.

As formas do tipo *tempos verbais* costumam ocorrer nos textos por vezes em distribuições isotópicas, em razão do tipo de discurso que elas atravessam. Nesses casos verifica-se a incidência do terceiro módulo da construção da temporalidade, ou seja, configuram-se casos nos quais a temporalidade é determinada por tipos especiais de discursos socialmente formatados e aceitos. Já as formas *não-tempos verbais* costumam ocorrer em distribuições mais livres, segundo as ocorrências de variações de espaços temporais na construção referencial do texto.

O uso mais disseminado do termo *coesão verbal* para significar a coerência temporal do texto talvez tenha sua razão de ser no uso preponderante das formas *tempos verbais*, em sua distribuição mais circunstancialmente isotópica e discursivamente determinada. Considerando, porém, a importância da temporalidade em si, sobretudo nos termos da teoria benvenistiana da *instância enunciativa*⁶, optei no meu trabalho pelo uso corrente da terminologia *coesão temporal*, ainda timidamente adotada por alguns pesquisadores⁷, ao invés de *coesão verbal*.

Análise da temporalidade de um segmento discursivo

A dimensão temporal envolve todo ato enunciativo (todo texto) em sua totalidade. O mecanismo de textualização da *coesão temporal* expressa, na superfície dos textos, a coerência em relação a essa dimensão. Logo, esse mecanismo deve ser sempre considerado em relação ao texto globalmente tomado. Contudo, em razão do espaço delimitado a este artigo, vou tomar como exemplo apenas um segmento discursivo, para mostrar o processo de construção de sua temporalidade, reportando-o, obviamente, ao texto do

⁴ Estou adotando neste trabalho a tradução de “mental spaces” da teoria proposta por Fauconnier (1994, 1997), Fauconnier e Sweetser (1996) e Fauconnier e Turner (2002) por *espaços referenciais*, não apenas por considerá-la mais apropriada aos objetivos do trabalho, mas também para estabelecer uma adequação epistemológica e terminológica entre essa teoria e a teoria da enunciação proposta por Benveniste (1966, 1974).

⁵ Em minha pesquisa, considero duas categorias de formas temporais: as formas *tempos verbais* e as formas *não-tempos verbais*, essa última categoria incluindo os advérbios temporais, um extenso conjunto de locuções adverbiais das mais variadas composições, conjunções temporais, etc.

⁶ O modelo de Benveniste (1966, 1974) pressupõe claramente três tipos de coerência, ao se instaurar toda e qualquer instância enunciativa: a referencial, a temporal e a espacial.

⁷ Lembro aqui Mira Mateus *et al.* (1983) e Costa Val (1987).

qual foi extraído⁸. Vou analisá-lo levando-se em conta os três módulos estabelecidos no item 2 acima.

O texto do qual foi retirado o segmento é uma “Carta ao leitor”, da Revista VEJA, publicada na edição de 29 de agosto de 2001.

“**Em 1987, quando** a segunda edição do *Aurélio* foi lançada, VEJA colocou na capa um relato da aventura cultural do livro que, **àquela altura, vendera** três vezes mais do que toda a obra de Jorge Amado, o escritor baiano **morto há três semanas**”.

Os textos “Carta ao leitor” da revista VEJA têm as características discursivas de um editorial, embora o editor, provavelmente como forma de se tornar mais familiar e interativo com o leitor, os considere como uma *carta*. Seu tipo discursivo é mais característico de um discurso da ordem do expor, um discurso teórico. Mas o segmento aqui tomado é um segmento narrativo.⁹

A primeira abordagem da construção da temporalidade é feita pelo ângulo do *módulo lingüístico*, à luz da teoria da enunciação de Benveniste (1966, 1974). Essa “Carta ao leitor” constitui um enunciado produzido por um enunciador, o editor da revista, direcionado ao um enunciatário, os seus leitores. Essa instância enunciativa se instaura, pelo lado do enunciador, com a colocação de um referente (o conteúdo da carta), num tempo e num espaço. Ao receber a revista, o leitor se conecta imediatamente a um eixo temporal (a data da edição da mesma, 29.08.01), a partir do qual ele passa a construir a coerência temporal do enunciado. Esse eixo tem como base o *momento da enunciação* (ou o momento da fala/escrita). Um primeiro recuo ao passado é feito ao *momento de dois eventos* simultâneos, um, em 1987, é o evento do lançamento da 2ª edição do *Aurélio* e o outro, o da edição de VEJA na mesma época. A simultaneidade dos dois eventos é marcada pela forma *quando*. A forma verbal *vendera* cria um *momento de referência*¹⁰ especial, pois ele está relacionado ao momento, não mencionado pelo enunciador, da primeira edição do *Aurélio*. Mas o enunciatário, orientado pela forma *tempo verbal* do pretérito mais-que-

perfeito, é capaz de captar esse momento e situá-lo no eixo temporal que ele próprio vai construindo. A forma *àquela altura* é uma forma não-verbal e sua expressão de temporalidade é ao mesmo tempo *dêitica*, uma vez que ela remete à forma, também não-verbal, *em 1987*. Um último recuo ao passado é ainda feito no segmento, situando o *momento do evento* da morte de Jorge Amado. Esse recuo é marcado pela forma verbal do particípio *morto*¹¹ e pela não-verbal *há três semanas*. Um esquema representativo dessas relações temporais é apresentado na Figura 1.

A segunda abordagem da temporalidade pode ser vista pelo ângulo do *módulo cognitivo*, à luz da teoria dos *espaços referenciais* (ver Fauconnier, 1994; Fauconnier and Sweetser, 1996; Fauconnier, 1997 e Fauconnier and Turner, 2002). Esse segmento narrativo é constituído por uma configuração de espaços referenciais, através da criação dos espaços referentes às edições do *Aurélio*, à matéria de capa da VEJA em 1987 e à morte de Jorge Amado. Nesse segmento evidenciam-se a criação de espaços temporais (nos termos de Dinsmore, 1991), como também a abertura de um espaço que compacta, para efeito de comparação, os dois espaços referentes às figuras colocadas em relevo, *Aurélio* e *Jorge Amado*.¹² Enfim, a proposta de se considerar as relações temporais como articulações imbricadas com a configuração dos espaços referenciais do processamento cognitivo me parece convincente, pois os deslocamentos de referentes no eixo temporal me parecem delimitar claramente espaços diferenciados na construção da rede de espaços mentais. A configuração dos espaços referenciais do segmento em análise, compreendendo os espaços temporais, está “grosso modo” representada no esquema apresentado na Figura 2.

Por fim, a última abordagem da temporalidade diz respeito à dimensão sociointerativa do discurso. É verdade que a organização da rede temporal do enunciado/texto constitui uma livre escolha do enunciador, sempre balizada pela sua intencionalidade e pelas condições sociocomunicativas de seu enunciatário. Essa escolha, entretanto, pode ser condicionada por tipos básicos de discursos em uso nas sociedades,

⁸ No meu trabalho foram analisados 15 textos jornalísticos: 5 do gênero “carta do leitor”, 5 do gênero “editorial” e 5 do gênero “reportagem”, extraídos dos jornais “Folha de São Paulo” e “Estado de Minas” e das revistas “VEJA” e “TUDO”.

⁹ Ou uma *seqüência narrativa*, nos termos da proposta de Jean-Michel Adam (1997, 1999).

¹⁰ Nos termos de Reichenbach (1947), como já assinalado.

¹¹ O *particípio* é uma *forma nominal* que, de per si, não expressa temporalidade. Nesse segmento, contudo, a forma *morto* corresponde a uma subordinada reduzida equivalente a “que morreu”.

¹² Essa *compactação* de espaços é, na teoria de Fauconnier e outros, vista como um processo especial de “conceptual blending”, *integração conceitual*.

nas quais está inserido o enunciador. Essa abordagem tem como suporte teórico a proposta de Bronckart et al. (1985) e Bronckart (1999). Essa proposta considera que a atividade linguageira humana se circunscreve, de uma maneira generalizante, a arquítipos discursivos básicos, em função das coordenadas gerais dos mundos e da relação de todo discurso com o seu ato de produção. As coordenadas dos mundos determinam duas grandes ordens de discurso, a do *expor* e a do *narrar* e a relação com o ato de produção determina dois tipos discursivos, o *implicado* com seu ato de produção e o *autônomo* em relação a esse ato. O cruzamento dessas coordenadas leva à indicação de que os discursos humanos se organizam, arquítipicamente, em quatro categorias: discursos *interativo* e *teórico* (da ordem do *expor*) e discursos *relato interativo* e *narrativo* (da ordem do *narrar*). Pois bem, para cada um desses quatro arquítipos¹³ psicológicos, pode-se observar um tipo especial de construção de rede temporal. As coordenadas gerais do mundo e a relação com o ato de produção determinam a predominância de um tipo de eixo temporal como, por exemplo, o *discurso interativo*, no qual predomina o uso do *presente*, sempre articulado diretamente com o ato de produção. Em síntese, pode-se dizer que a construção da temporalidade é também determinada pelos tipos de discursos que atravessam os enunciados/textos.

O eixo temporal do segmento em análise, do ponto-de-vista do *módulo dos arquítipos discursivos*, caracteriza-o como um segmento do tipo de discurso *narrativo*. O segmento, entretanto, está encaixado num texto (a Carta ao Leitor), cujo arquítipo discursivo dominante é o do *discurso teórico*.

Conclusão

Meu trabalho, resumido neste artigo, teve por objetivo mostrar como a construção da temporalidade é articulada nos discursos humanos através da interveniência dos módulos (ou parâmetros) lingüístico, cognitivo e social. A caracterização desses módulos foi feita através da apropriação das teorias das *instâncias enunciativas*, dos *espaços referenciais* e dos *arquítipos discursivos*. A expressão (e visibilidade) da temporalidade nos enunciados/textos se dá através da *coesão temporal*. Tanto a cons-

trução da temporalidade quanto a sua manifestação através da coesão temporal são vistas na perspectiva do quadro maior do ISD. Nessa perspectiva tais fenômenos adquirem uma relevância especial, pelo fato de constituírem parte de um processo mais amplo, o de clarificação e de reconfiguração das ações humanas através dos discursos.

O mecanismo de textualização *coesão verbal* passou a ser chamado neste trabalho de *coesão temporal*. Não se trata apenas de uma questão de nomenclatura. Em coerência com os módulos e as teorias que os sustentam e me baseando sobretudo em Benveniste (1966, 1974), proponho a consideração da coesão temporal como parte de um novo quadro da coesão textual, ao lado da *coesão referencial* e da *coesão dêitica*. A coerência do ato enunciativo, nos termos benvenistianos, inclui necessariamente esses três tipos de coesão, o que significa que o princípio da coesão já está dado, em sua plenitude, em qualquer instância enunciativa ou texto. Por constituir uma configuração simples, generalizante e coerente com o próprio conceito de enunciação, essa proposta me parece poder dar conta de todo de tipo de relação coesiva textual. Além disso, nos termos da teoria dos *espaços referenciais*, considero oportuno considerar um tipo especial de coesão que dê conta da mobilização e configuração dos referentes na rede cognitiva textual, daí a preferência pela nomenclatura de coesão *referencial*, ao invés da tradicional coesão *nominal*. A nomenclatura de coesão *dêitica* já é proposta por outros trabalhos, entre os quais lembro Koch (2000).

Em síntese, o mecanismo da *coesão temporal* pode ser visto como um princípio construtivo e constitutivo do discurso e nele aplicado, para expressar e atribuir coerência às relações de temporalidade intrínsecas e inerentes a toda atividade linguageira humana.

Dado o papel relevante da temporalidade e de sua manifestação através da coesão temporal nos discursos humanos, sugere-se um tratamento mais acurado desses mecanismos textuais no processo de ensino/aprendizagem da língua materna. O quadro teórico do ISD, por sua vez, disponibiliza um enfoque eficaz e produtivo para as atividades de ensino e de pesquisa sobre o fenômeno da linguagem e sobre os problemas de sua aquisição e de seu desempenho.

¹³ Estou usando propositadamente o termo *arquítipo* como tradução do termo francês *architype*, uma vez que o francês estabelece uma distinção entre este termo e o termo *archetype* (arquétipo).

ARQUITTIPOS DISCURSIVOS (ADs) – Editorial – discurso teórico

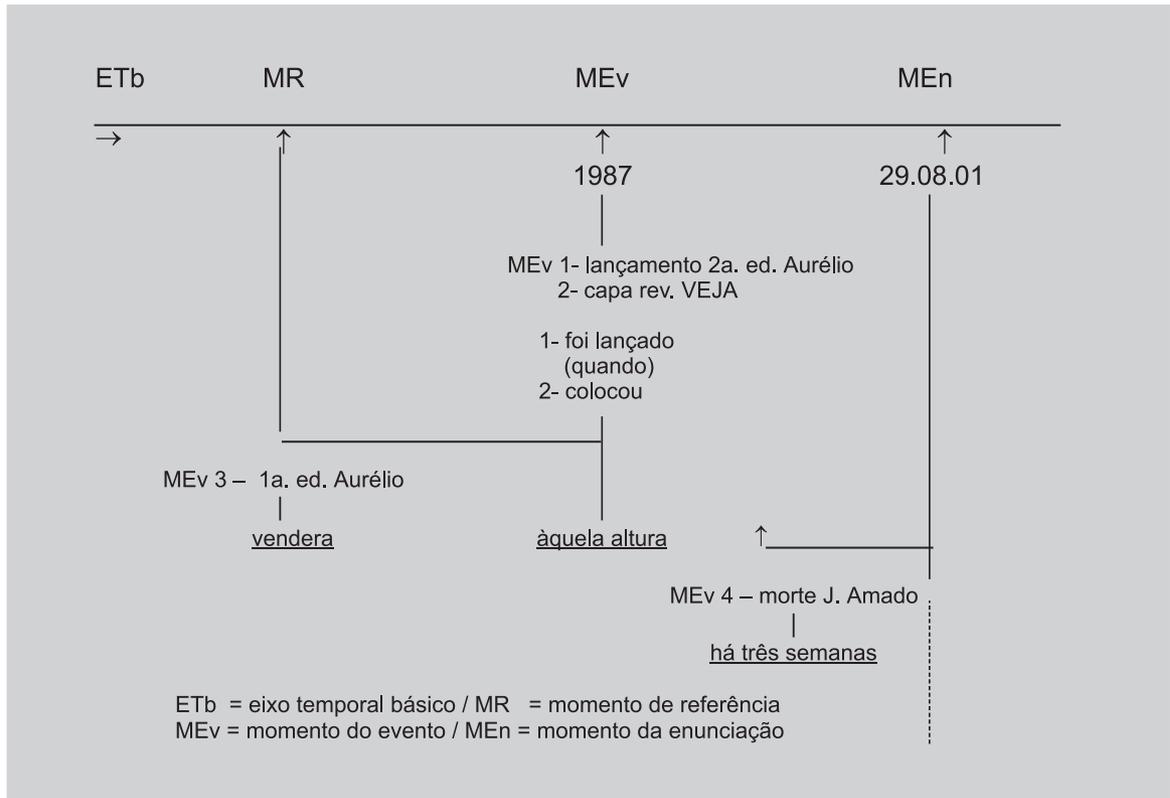


Figura 1. Instância enunciativa (IE).

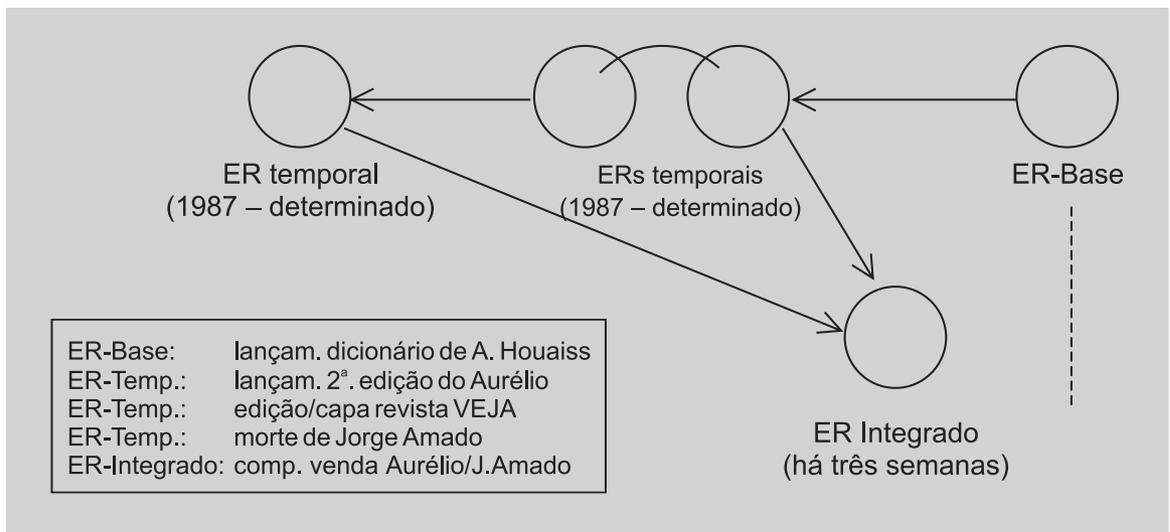


Figura 2. Espaços referenciais (ERs).

Referências

- ADAM, J.-M. 1997. *Les textes: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris, Éditions Nathan.
- ADAM, J.-M. 1999. *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris, Éditions Nathan.
- BAKHTIN, M.M. 1999. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec (publicação original: 1929).
- BAKHTIN, M.M. 2000. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes (publicação original: 1952/53-1979).
- BEAUGRANDE, R.de. 1997. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and society*. Norwood, Ablex Publishing Corporation.
- BENVENISTE, É. 1966. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris, Gallimard.
- BENVENISTE, É. 1974. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris, Gallimard.
- BRONCKART, J.-P.; BAIN, D.; SCHNEUWLY, B., DAVAUD, C. e PASQUIER, A. 1985. *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris, Delachaux et Niestlé.
- BRONCKART, J.-P. 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo, EDUC.
- BRONCKART, J.-P. 2003. Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, **11**(1):49-69.
- BRONCKART, J.-P. 2003. L'analyse du signe et la genèse de la pensée consciente. *Calidoscópico*, **1**(1):99-116.
- BRONCKART, J.-P. 2004. *Les conditions de construction des connaissances humaines*. (a ser publicado).
- COSTA VAL, M.G. 1987. *Problemas de textualidade em redações de vestibular*. Belo Horizonte, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.
- DINSMORE, J. 1991. *Partitioned Representations. A study in Mental Representations, Languages Understanding and Linguistic Structure*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- FAUCONNIER, G. 1994. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. 1997. *Mapping in thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. e SWEETSER, E. 1996. *Spaces, World and Grammar*. Chicago/London, The University of Chicago Press.
- FAUCONNIER, G. e TURNER, M. 2002. *The way we think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York, Basic Books.
- KOCH, I.V. 2000. *O texto e a construção dos sentidos*. 4.ed., São Paulo, Contexto.
- MATEUS, M.H.M.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.S. e FAMA, I.H. 1983. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.
- REICHENBACH, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Macmillan.

Recebido em jul/2004
Aceito em set/2004

Rosalvo Pinto
FALE - UFMG